

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

O Movimento de Perfeição

Conferências na Argentina

Sociedade Teosófica
Buenos Aires, 20 de outubro de 1985

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

O Movimento de Perfeição

Buenos Aires, 20 de outubro de 1985

Vicente.— Vamos esclarecer certos conceitos citados aqui acerca do termo perfeição. Uma das afirmações esotéricas que se deve ter muito em conta é a que tem a ver com o que poderíamos chamar de perfeição de um Logos, o qual é perfeito sempre, do ponto de vista do Seu Conteúdo Universal. Nós encarnamos a perfeição para o grupo de átomos que compõem nossos corpos. Como células do corpo do Logos, consideramos que o Deus do Universo é a Suprema Perfeição. Mas, do ponto de vista de um Logos Cósmico, nosso Logos Solar é imperfeito; do ponto de vista do Logos Solar, nosso Logos Planetário é imperfeito. A perfeição depende da perspectiva do observador, e não é uma meta, mas um movimento, não só no que corresponde a nós como seres humanos, mas como aos Logos criadores de Sistemas Solares e ainda de Sistemas Galácticos que nos indicam que sempre existem metas mais profundas e inclusivas no Cosmo Absoluto.

Interlocutor.— Poderia nos falar desta sublime entidade de quem tanto se fala na Agni Yoga, que é Hara ou a Mãe do Mundo?

Vicente.— Há dois aspectos fundamentais na vida da natureza, o Pai e a Mãe. Da conjunção magnética deles surge o Filho. A Mãe encarna aquilo que, no cristianismo, chamamos de Espírito Santo, que tem a ver com a matéria. No seio sublime e virginal da matéria surge o Filho, então não podemos separar o Pai da Mãe, nem o Filho do Pai e da Mãe, é um fenômeno conexo. A Mãe encarna sempre o Espírito da Natureza, a nota Fá do Grande Pentagrama Cósmico que tem a ver com a manifestação; o Filho encarna a Alma da manifestação, o Pai encarna o Espírito da manifestação, por isto é que temos: Pai, Filho e Espírito Santo, Espírito-Matéria, a relação entre o Espírito e a Matéria que é a Alma ou a Consciência. Não podemos separar jamais estes termos. Em termos de fogo, temos o fogo de Fohat, o fogo de Kundalini e o fogo Solar. O fogo de Fohat encarna na vida do Pai, o fogo de Kundalini é o fogo da Mãe, o fogo Solar é o fogo do Filho. Sempre veremos os três aspectos juntos, não podem se separar. Somente há uma separação aparente quando um Logos entra naquele estado misterioso a que chamamos Grande Pralaya quando, aparentemente, somente existe o Pai. Falo só da aparência.

O homem tem simbolizado este aspecto no Devachan (aquele estado de suprema beatitude que se segue ao fenômeno físico da morte, quando o corpo astral e o corpo mental foram completamente abandonados), em que existe apenas a vida do Pai, que jamais teve carma, mas existe sempre potencialmente a Mãe (o Espírito Santo) e o Filho (Alma ou Consciência).

Interlocutor.— A Perfeição, ou o aperfeiçoamento, se dá através do alinhamento dos corpos. Poderia falar disso? Como se alinham os corpos?

Vicente.— O ser humano é uma Alma que se manifesta através de três corpos:

- o corpo mental, em que produzimos os pensamentos;
- o corpo astral, pelo qual elaboramos os desejos, as emoções e os sentimentos;
- o corpo físico, que é o resultado da interação desses dois corpos, através do corpo etérico.

Quando o ser humano começa a surgir para a luz do conhecimento, tem início um processo de integração ou de alinhamento. Os corpos vão se alinhando de acordo com um motivo, que é a Alma, a Consciência. De fato, a Consciência se manifesta e se aperfeiçoa através dos corpos. Estes, por sua vez, se aperfeiçoam pela atividade da Consciência ou da Alma. Quando se produz esse estado de consciência que chamamos serena expectativa ou essa atenção suprema à vida, aos acontecimentos vitais, dentro e fora da consciência se produz um estado natural de alinhamento. O físico não tem alternativa, tem que se alinhar com o corpo astral quando este é controlado pela mente. Então existem três sintonias, três sons diferentes que dão a nota-chave da Alma ou da Consciência. Ao pensar, a Consciência, através do corpo mental, emite um som que alinha automaticamente o corpo astral e o corpo físico. Quando estamos muito atentos, quando a suprema atenção que exercemos através da mente produz um vazio no cérebro, automaticamente ocorre a resposta de todos os corpos, há um alinhamento ou integração completa. Então, devemos buscar outra integração, a da Alma que controla os três corpos. Nesse ponto já entramos na corrente iniciática, e devemos contar sempre, antes de tudo, com um alinhamento físico, com um alinhamento astral e com um alinhamento mental; primeiro, preparando os corpos, depois unindo os corpos de acordo com essa sublime integração. Vocês agora estão se integrando, o que significa que estão respondendo à nota da Alma, pelo fato de estarem muito atentos, muito expectantes, não se preocupando com os corpos, estão atentos simplesmente, o que confere à Alma o poder sobre seus veículos. Se pudessem manter este estado de atenção durante as 24 horas do dia, se converteriam em Adeptos, Mestres de Compaixão e de Sabedoria, tendo integrado através da serena expectativa de suas vidas o tríplice veículo da personalidade com a Alma em seu próprio plano. Como não há divisão, há um controle natural sem esforço, sem disciplinas, sobre todos os corpos que utiliza para sua manifestação.

Interlocutor.— Poderia falar dos mantras?

Vicente.— Existem muitos mantras. O Pai Nosso, a Grande Invocação, o OM, o AUM são alguns deles. A voz humana também é um mantra, porque obedece à Lei do Verbo de Revelação. Acontece que ainda não desenvolvemos completamente o centro laríngeo, que é o assento do Verbo, e nossa laringe não está acostumada a emitir sons mágicos, no sentido de que as palavras que surgem através deste centro ainda são imperfeitas, porque o verbo é imperfeito. Então, tudo que vem do Ego, da Alma ou da Consciência é imperfeito em sua manifestação, e os mantras que surgem do centro laríngeo estão matizados por esta imperfeição do Ego. Mas, quando a pessoa vai se integrando, quando os corpos respondem não apenas a uma necessidade humana, mas também a uma necessidade cósmica, desenvolvem-se os centros cardíaco e laríngeo. No centro

do coração e da mente surge a Palavra, o Verbo. Então, o que se precisa é: primeiro, desenvolver a mente a um ponto em que possa conter valores sagrados, o que implica em deixar de lado os pensamentos habituais, surgindo outra força, outra energia, a energia da intuição. Por outra parte, o aspecto da consciência estará tão sublimado, que terá desenvolvido as pétalas do coração. O coração não será mais o assento exclusivo da vida do corpo, mas também será o centro da vida espiritual. Quando existe uma correlação, uma sintonia entre o Cardíaco e o Laríngeo, este se desenvolve e então a pessoa pode pronunciar o Verbo. Cada palavra será um mantra, porque terá o poder de afirmação do Verbo. Daí a importância de se pronunciar corretamente as palavras, porque liberamos um impulso instintivo através delas. Através das palavras podemos comunicar a vida sublime que procede do Reino de Deus. Há em nós duas coisas muito importantes a considerar: o Cálice (o resultado da coordenação da mente com o corpo astral e o corpo físico) com o Verbo, que é a Alma. Quando o corpo está purificado, o Verbo se introduz no Cálice formado pela mente, corpo emocional e o veículo físico. Então, esta Divina Trindade do Cálice se torna o assento do Verbo. Não há necessidade, tanto como agora, de pronunciar mantras específicos, cada palavra nossa será um mantra de atração: convencerá sem atar e atrairá mesmo sem convencer. Esta é a Lei do Verbo.

Interlocutor.— O que nos pode dizer sobre o limite que há entre o livre-arbítrio e o causal?

Vicente.— O livre-arbítrio constitui um círculo-não-se-passa, o *ring pass not*, de nossa própria possibilidade. Quando nos movemos dentro do círculo intransponível do livre-arbítrio, não podemos ter noção do que é o círculo máximo que chamamos esotericamente o plano causal ou a vida causal. Quando estamos sujeitos à lei do livre-arbítrio, todas as estrelas e todos os planetas influem sem resistência alguma de nossa parte, porque as estrelas mandam em nós. Então, o livre-arbítrio é a capacidade de se mover apenas dentro do círculo da personalidade humana, constituída por uma mente, um corpo emocional e um corpo físico. Não pode, de maneira alguma, sobrepor-se ao seu próprio destino, nem tampouco pode criar à vontade o seu próprio destino.

Porém, quando há integração, quando o Eu em encarnação física já estabeleceu o antahkarana, a ponte entre a sua pequena mente concreta e a mente superior ou abstrata, então o círculo intransponível, este *ring pass not* criado pela própria personalidade, se dilata a extremos inconcebíveis e, ao se estender, perde relevo, perde consistência, como a fumaça que se eleva da chaminé: à medida que vai ascendendo pelo espaço, vai perdendo seu contorno e então faz contato com algo mais sutil, mais sublime que é o ambiente causal. Este ambiente causal, por sua vez, pelo mesmo procedimento de expansão cíclica, através da sutilidade que vai exercendo a vida de Deus no ser, cresce tanto que chega a abarcar em si a força do espírito. Isto só ocorre no caso dos Iniciados que abarcam em seu círculo intransponível, dentro deste círculo-não-se-passa de possibilidades, a própria Vida de Deus. E a Vida de Deus está acima da Vontade das estrelas, porque somente existe uma Vontade, a Vontade do Criador, não de um Universo, mas de todos os Universos.

Quando a vida for tão impressionantemente vivida que fizer com que a Alma se eleve às regiões causais, provocando o despertar do ego na vida física, significa que, de certa maneira, o homem começa a governar seu destino. Talvez muitos de nós estejamos aqui em forma causal, quem pode estabelecer esses limites? Poucos podem compreender estas coisas. Isto é motivo de reflexão, porque a tendência da evolução do homem é liberá-lo do livre-arbítrio, é a capacidade que o homem tem de se equivocar, porque está se movendo em zonas nitidamente materiais, imperfeitas, que respondem à sua própria condição normal e natural como pessoas. Sabemos que existe uma zona de grande equilíbrio cósmico que chamamos plano causal, plano do Ego, plano do Eu Superior, nível abstrato da mente, não importa. A expansão cíclica do livre-arbítrio é o que o converte em Vontade de Ação, uma ação dinâmica que é a Vontade de Deus que nós conseguimos alcançar mediante o livre exercício da razão pura, do nosso amor aos irmãos, e também pela visão das coisas que ocorrem no mundo.

Interlocutor.— Pode-se considerar como absoluto o princípio de que nada é casual e que tudo é causal?

Vicente.— Não. Tudo é causal, mas, ao penetrar o mundo das causas em um nível pessoal, se converte em um efeito. O efeito pode equivocar-se com respeito ao mundo das causas, mas as causas não podem jamais se equivocar com respeito ao mundo dos efeitos.

Aqui agora há pessoas que vieram por simples curiosidade, o que é um efeito do livre-arbítrio; outras vieram por um interesse profundamente espiritual, e isto já não é livre-arbítrio, é devido à lei do Ego, que quer infundir sua vida na vida pessoal. Cada um deve decidir se está aqui por interesse ou por simples curiosidade. Em todo caso, sempre há a possibilidade de que o livre-arbítrio se converta em vontade, que a curiosidade se converta em interesse, e que o interesse de vir aqui se converta em algo causal e possa inundar de luz e de vida todos e cada um dos momentos de nossas vidas.

Interlocutor.— O que é o registro akhásico?

Vicente.— É a Memória do Logos, é a acumulação de lembranças do Senhor do Universo. Com relação a todo o seu processo anterior, o presente e seus planos para o futuro, chama-se tecnicamente Memória Cósmica e, como nós fazemos parte d'Ele (o Logos), também temos nosso pequeno arquivo memorial, nossos registros akhásicos. Jamais se perde da memória do Ego nem um ato, nem um pensamento, nem um desejo, tudo fica registrado no éter que nos circunda, tudo fica registrado em nossos corpos etéricos através de um misterioso processo alquímico que converte uma série de lembranças em essência, em experiência. Podemos dizer sem risco de equívoco, pela lei de analogia, que nossos registros akhásicos são nossos registros memoriais, nós estamos estabelecidos como consciência de acordo com os registros memoriais que possuímos de todas as vidas anteriores. Podemos recordar, uma vez que tenhamos franqueado os limites do tempo, tudo o que fomos no passado, porque tudo está dentro do átomo permanente alojado no centro do coração, que nos permite recordar tudo o que temos realizado através do tempo, desde que iniciamos como seres humanos. Este fato é uma vivência, não é somente um indício do

tempo, é algo que vocês vivenciaram e que, portanto, se converteu numa lembrança que jamais os abandonará.

Quando chegamos ao Devachan, uma vez extintos os corpos físico, astral e mental, aparentemente não temos lembranças, enfrentamos uma realidade sem recordações. Mas, quando o corpo físico está desintegrado e o corpo emocional vai ascendendo para o Devachan, todos os registros ficam acumulados nos níveis de filtração, até que finalmente o Ego penetra sem recordação alguma no Devachan, que é chamado de céu de beatitude, onde não há sofrimento, por não haver recordações. Com o tempo teremos a possibilidade de viver sem lembranças, porque teremos convertido os registros memoriais em essência, em experiência.

Chamamos de essência o perfume, que é o resultado da acumulação e da destilação de uma imensa quantidade de flores. As flores aparentemente foram perdidas, mas permanece o perfume. Vocês são o perfume da experiência, o perfume do registro de todas as suas vidas aqui no presente. Não é necessário vivermos aqui todo o registro, deixemo-lo de lado, pensemos em profundidade e entenderemos o que significa viver completamente vazios de registros. Os registros existem, mas vocês os controlam com a mente. A mente é o instrumento que vocês utilizam para pensar. Quando não se tem no que pensar, pensamos naquilo que tem relação com o corpo, mas não somos o corpo; sentimos muitas emoções, mas não somos as emoções; podemos nos dar conta de que estamos sentindo uma emoção, então não somos aquilo, observamos somente aquilo.

Pois bem, quando tudo for observação em nós, quando tudo for uma atenção real, sincera e potente, os registros se converterão em essência, como a fumaça se converte em essência ao se volatilizar na atmosfera. Seus pensamentos se terão volatilizado ao ascender ao plano causal. Seremos livres, começaremos a buscar as delícias da liberação, nossos registros estarão de lado, seremos os dirigentes de nossas vidas, não o impulso dos registros.

Interlocutor.— Gostaria de saber algo sobre o batismo, se o compromisso dos padrinhos é para toda a existência.

Vicente.— Um dos mistérios do Cristianismo é o Batismo. Quando o consideramos de um ângulo esotérico, é a purificação astral, a purificação dos desejos e das emoções. As emoções, os sentimentos e os desejos estão simbolizados na água, que é o símbolo da purificação. Quando se realiza o batismo da Água Suprema da Vida, sucede algo maravilhoso: a pessoa se vê livre do desejo. Os padrinhos têm a ver com os santos seres que acompanham o Iniciado quando este recebe o Batismo Supremo no Jordão Espiritual, pois toda Iniciação tem três pontos importantes: O Hierofante (o Iniciador ou o Sacerdote em sua representação simbólica) e os padrinhos. Um dos padrinhos é o Mestre do próprio Iniciado e o outro é um Adepto que está em sintonia com a Alma do discípulo que vai ser iniciado. O Hierofante simboliza a eletricidade pura, o fogo elétrico, tal como surge do coração da Divindade. Um dos padrinhos simboliza o campo ou o polo positivo, e o outro, o polo negativo. No centro desse triângulo constituído pelo Hierofante e os dois padrinhos Adeptos fica o Iniciado, o recém-nascido que vai receber o batismo por parte do Senhor do Mundo, o Único Hierofante. Tudo se baseia na simbologia, obedecendo a razões de ordem cósmica, porque a Iniciação é

um drama que todos teremos que atravessar, é uma Lei do Universo. A Igreja reflete esta verdade: o sacerdote, neste caso simboliza o Hierofante; o padrinho simboliza o polo positivo, o homem; e a mulher, a madrinha, simboliza o aspecto passivo ou negativo da eletricidade; e no centro se encontra o recém-nascido que está sendo batizado. Como se vê, está sendo refletido neste mistério do Cristianismo um drama eminentemente cósmico.

Interlocutor.— Para alcançar conhecimentos esotéricos, ou para aprofundá-los, que importância tem o desenvolvimento psíquico, simbolizado na consciência astral? É possível, de alguma forma, apurar a evolução individual através das disciplinas?

Vicente.— Quando percebemos que dentro de nós se encontra a potencialidade do espírito, então começa o desenvolvimento dos poderes da compreensão, o mais alto poder reconhecido. A compreensão libera do compromisso cármico ou da disciplina imposta sobre algum dos veículos. Estamos tratando em profundidade de temas aos quais talvez não tenhamos atribuído importância capital, que é a retidão. Não do critério, mas da própria vida, pois quando temos um critério reto, talvez estejamos dizendo: meu critério.

Se houver uma compreensão do mecanismo do Eu através dos corpos; se existe verdadeiramente um interesse em converter a vida em um fogo de resolução; se a Alma estiver interessada em se aproximar impessoalmente das demais Almas, já terá conquistado a compreensão, o mais alto dos poderes. Não se trata de um poder psíquico, mas de um poder da Alma. Através do coração se compreende, se ama, se conhece e se divide, porque a mente costuma dividir, mas o coração sempre compreende os demais. Daí a importância da Agni Yoga que fala pela primeira vez ao homem diretamente ao seu coração, sem tentar imprimir na mente uma série de conhecimentos, de técnicas ou de disciplinas, mas que lhe diz: esteja atento, porque a atenção a todas as coisas, a todos os seres é a regra única da liberação. Suponhamos que já integramos os três corpos para produzir uma experiência única de contato com a Alma. Falo a partir da Alma, porque sei que vocês podem fazê-lo. E, como falo de uma Alma que não necessita de um mecanismo técnico, mas que é a vida de todas as coisas que existem na natureza, estando atentos à Alma, estamos atentos a todos os corpos, a todos os reinos. Portanto, existe em nós um estado permanente de meditação e, quando adquirimos este mecanismo que é a consciência meditativa, ou a consciência sem interrupção, os poderes surgem por um impulso natural, como se desenvolve um fruto na árvore. Não podemos fazer que a árvore cresça mais depressa do que está escrito nas leis da natureza. O mesmo acontece com o ser humano. Pode-se imprimir somente um impulso à vida, e ela, de acordo com as leis naturais, produzirá os frutos a seu tempo. Tais frutos serão frutos de liberação, não serão frutos de conquista. Será uma descoberta incessante das leis que regem o Cosmo e, como estas leis regem tudo, sem percebermos seremos unos com a vida da natureza, com a Vida da Humanidade, com a Vida do próprio Deus.

Interlocutor.— Gostaria que esclarecesse o tema Ashram, porque confundo o físico com o Ashram etéreo.

Vicente.— Ashram, esotericamente falando, é um grupo de seres humanos que conquistaram por seus próprios esforços o direito de estar em contato com um Mestre de Sabedoria e Compaixão.

Existe um centro ocupado pelo Mestre, é o coração, o núcleo do Ashram, e há 7 esferas concêntricas que partem deste núcleo ashramico que abarca desde grandes Iniciados em contato com o Mestre, até o mais humilde aspirante espiritual que está entrando nas camadas periféricas do Ashram. Poderíamos dizer que no plano físico a representação objetiva são os grupos esotéricos, porque de uma ou outra maneira, são guiados por discípulos, os quais, por sua própria radiação, atraem muitos aspirantes espirituais, produzindo-se uma reação em cadeia que parte do núcleo formado pelo Mestre e os discípulos que constituem seu corpo de guarda, seu corpo protetor, até chegar aos seres humanos que compartilham nossa vida familiar, profissional ou grupal.

Todos nós podemos entrar no Ashram do Mestre se fizermos de nossas vidas uma verdadeira projeção de valores cósmicos, um pequeno Ashram do qual sejamos o centro, onde teremos nossos familiares, nossos amigos, nosso grupo, até constituir um todo funcional. Quando tivermos estabelecido este núcleo familiar que envolve também os aspectos profissional e cultural, o raio de ação que abarca tantos amigos, tantas famílias, que abarca a localidade onde vivemos, nossa nação e os continentes, quando nos projetarmos impessoalmente assim, então seremos dignos de entrar em contato com o Mestre, e Ele poderá projetar Sua vida através de nós, porque cada um de nós será Seu Ashram. Ele necessita que nos projetemos no sentido do Ashram, que todos tenhamos uma vida plena, uma vida de relação e contato tão vívido que possamos nos pôr em contato constantemente com a radiação magnética de Sua aura, porque de certa forma teremos produzido uma radiação em nossa aura magnética que dará resultados idênticos aos que se produzem no Ashram de um Mestre.

Interlocutor.— Gostaria que nos falasse das formas geométricas e dos mudras em sua relação com o trabalho das energias.

Vicente.— A Geometria faz parte do contexto do Universo. Platão dizia que Deus geometriza. Tudo que existe no Universo, uma forma geométrica, responde às exigências cíclicas de sua própria evolução.

Vamos considerar três formas geométricas: o quadrado, o triângulo e o círculo. O quadrado corresponde ao quaternário. O quaternário humano é constituído pelos corpos físico, etérico, astral e mental. O triângulo que se eleva sobre este quadrado é formado pelos três aspectos que consideramos básicos na vida espiritual: Atma, Budhi e Manas, tecnicamente chamada a Tríade Espiritual. O mais importante em geometria é o círculo, pois ele sempre é a vida do espírito. O espírito está apoiado no triângulo, o qual, por sua vez, está apoiado sobre o quadrado, isto do ponto de vista bidimensional, como podemos ver as coisas. Se nossa visão fosse tridimensional, tudo isto se converteria em formas poliédricas e teríamos o hexaedro ou cubo no lugar do quadrado, a pirâmide, que é a expressão poliédrica do triângulo, e teríamos depois a esfera, que é o aspecto superior ou completo do círculo. Os movimentos das mãos, a forma do nosso corpo, a situação de nossa vida no lar, em nosso grupo, em nossa profissão, são também geométricos, respondem a necessidades impostas pela lei.

A Terra, em seu carma, é resultado das formas geométricas que adotam – do ponto de vista da perspectiva da Terra – todas as constelações. Quando nasce um Universo, ele está sujeito a esta lei geométrica marcada pelas esferas em movimento, constituindo pontos de projeção cósmica sobre este Universo. Todas as pessoas têm sua vida física sujeita às formas geométricas dos astros no momento do seu nascimento, e esta ciência se chama astrologia.

Há três classes de astrologia:

- a convencional, que nasce da forma aparente dos astros com respeito à Terra;

- a astrologia esotérica, que vem da projeção poliédrica dos corpos no espaço, o que é muito difícil de compreender e que constitui o mapa do Ego, o mapa astrológico das Almas;

- e a astrologia hierárquica, que tem a ver com o Espírito de Deus. A astrologia ashrâmica desta natureza, em seu aspecto hierárquico, só é conhecida pelo Logos Solar e sua projeção, o Logos Planetário, a quem chamamos de Observador Silencioso das Estrelas, ou o Grande Geômetra, ou o Grande Astrólogo.

A posição das mãos, os mudras, a forma de dizer as palavras, sabendo-se que uma palavra constitui uma forma geométrica no espaço, que tem uma cor definida, e que esta cor é um propósito do Ego, nos dão conta da importância que é ter noções da geometria esotérica, e não apenas da geometria convencional, pois ainda há muitos segredos que devemos descobrir para poder passar à geometria esotérica e, mais tarde, à geometria hierárquica ou a geometria de Deus na vida da natureza.

Interlocutor.— Que implicações têm os ritos religiosos pela morte de um ser humano? E a cremação?

Vicente.— Quando o corpo é definitivamente abandonado pelo Ego, deveria ser destruído imediatamente para não contaminar o ambiente ecológico. A morte do corpo físico significa apenas que o Ego considera que é um traje que já não lhe convém, e que o melhor a fazer é se retirar. A desintegração, embora possa ser rápida aos nossos olhos, é algo lento, porque se trata de algo dimensional no aspecto superior ao que chamamos o corpo físico. A cremação é muito importante para o esoterista, pois, durante o processo de desintegração normal podem se produzir certas alterações no sentido da própria evolução do Ego. Além disso, existe a contaminação devida a uma parte etérica que surge das tumbas e podem disseminar enfermidades. Por isso, devemos providenciar para que nossos corpos sejam cremados, evitando assim manter em suspensão essa condição negativa que decorre do processo da morte de tantos seres humanos, principalmente em cidades tão populosas como Buenos Aires, Nova York, México, etc. Tudo isto produz no ambiente o germe de enfermidades que se soma às enfermidades já adquiridas em tempos muito distantes. Portanto, agora convém começar a trabalhar esotericamente. Quando uma pessoa se dá conta de que seu corpo é um criadouro de vírus que passarão para a ecologia do planeta, talvez se decida pela cremação de seus restos mortais, uma vez que tenha extinguido em si o fragor da vida, quando o Ego diga: já basta, este corpo já não é necessário. O fato de depender constantemente do corpo faz com que isto não seja compreendido completamente, já que existe uma relação vívida com nosso corpo, o único que conhecemos.

Não conhecemos o corpo astral, porque não temos consciência astral. A mente, só conhecemos pelo que indicam os pensamentos, mas não sabemos como é o corpo mental, sua cor, sua dimensão, suas reações últimas com respeito aos meios sutis de vida interna. Portanto, como não sabemos destas coisas, só o que temos, que conhecemos bem, é o corpo físico, o qual assume uma importância muito grande para nós. Por isso existe sempre o medo da morte, sofremos pensando no drama da morte, sem saber que ela é somente uma troca de roupa: abandonamos uma roupa usada, para vestir uma roupa nova. Se pudermos usar uma nova vestimenta, não vamos quer voltar aos despojos que estão se desintegrando na tumba. Vocês devem começar aqui e agora a ver o drama da morte como algo natural, e adotar o costume de cremar os corpos, porque quando passarem para o plano astral, se sentirão mais livres, pois são responsáveis pela ecologia do seu próprio corpo, com suas dificuldades, porque na cremação ocorre a liberação rápida de todos os átomos que constituíram o corpo, e que têm uma vida própria. Vocês estarão redimindo-os através do processo de cremação, e isto pode ser estendido às múmias que estão expostas nos museus, aos animais empalhados, a todas as formas de vida que correspondam ao passado, porque contribuem para criar um mal-estar psíquico na Terra através dos germes da decomposição. Todas as pessoas cujo corpo está embalsamado, sem se dar conta, seu "Ka", seu veículo etérico, está sutilmente atado àquele corpo, porque ele não foi desintegrado pelo fogo. O Ego permanece preso ali, seja o Ego de um faraó ou de qualquer pessoa muito importante que tenha sido submetido a esse processo de embalsamamento. Devemos meditar muito profundamente sobre isto, pois contém a semente do que será o porvir da Nova Era.

Interlocutor.— É importante que se passem 72 horas depois da morte para cremar um corpo?

Vicente.— O Mestre Tibetano, Djwal Khul, diz em seus livros que após 24 horas pode-se iniciar a cremação de um corpo, se houver a certeza da morte.

Interlocutor.— Gostaria que nos falasse da inspiração na arte do passado e na arte da Nova Era.

Vicente.— A inspiração é fundamental na arte, como é fundamental na ciência, na educação, na psicologia, em todos os campos de trabalho do homem aqui na Terra. A arte de viver abarca todas as artes conhecidas, exigindo de nós uma atenção para os motivos da Vida, ou seja, as formas com as quais estamos vivendo, e mediante as quais estamos nos relacionando. Com uma atenção suprema, sem flutuações, sem esperar nada dos acontecimentos, simplesmente observando-os, são criadas em nós as características do artista verdadeiro. Nenhum artista criou uma obra de arte sem que interiormente tenha se tornado vazio de si mesmo. O artista que tem o projeto de criar algo, um pintor, um escultor, um escritor, um poeta, começa com um propósito da arte, diz: vou fazer isto, ou vou fazer aquilo, e sem que se dê conta, vê que sua vida vai se sublimando até um ponto em que fica vazio de si, e então começa a pintar, a escrever, modelar, ou a fazer poesias ou música. Onde está o artista nesses momentos? É Deus, através do artista, Quem cria as verdadeiras obras de arte.

Nenhuma obra de arte reconhecida como realmente artística, como, por exemplo, algumas das grandes obras do Renascimento ou alguma das sublimes músicas que conhecemos como clássicas, está ausente deste vazio criador.

O que ocorre quando o artista utiliza o seu livre-arbítrio para criar? Cria coisas que estão de acordo com essa liberdade, confundindo a arte, confundindo as pessoas acerca do que seja a arte. Não estabelece um vazio divino em seu interior, e o que surge são seus defeitos ou suas qualidades. Reflete virtudes ou defeitos em suas obras artísticas, mas não são obras de arte realmente, falando num sentido muito esotérico, são simplesmente expressões de sua pequena vontade que quer fazer algo. Oxalá chegue o momento em que produza uma obra de arte, o que acontecerá apenas quando o livre-arbítrio for um receptáculo da vontade interior que é a Vontade de Deus. Então utilizará sua técnica para revelar aquilo que vem por intuição ou por inspiração. Aqui temos a dupla vertente do tecnicismo e da criação. A técnica nem sempre acompanha a arte, a arte tampouco acompanha a técnica às vezes. Uma criança pode criar uma obra de arte e não ser reconhecida, pois o mundo só reconhece os artistas, não as obras de arte. Vemos obras que não são obras de arte, embora estejam assinadas por um grande artista; como não conhecemos nada de arte, admiramos a obra de arte pelo artista, não pela obra em si, e isto tem trazido ao mundo grandes confusões com respeito à arte.

A arte, em sua expressão, é a forma divina que comove a todos, adultos e crianças. Uma criança é muito perspicaz, pois leva em si a arte da criação. Se pedirem a uma criança que desenhe uma casa, primeiro pintará um quadrado, depois um triângulo em cima, e depois um círculo, o sol; é a base da criação artística, a base da geometria, aí está o processo. Então, tudo o que acontece na obra do artista é o que realmente caracteriza sua expressão em forma de uma obra de arte. As obras de arte comovem, chegam ao coração, não passam pela mente. Hoje, infelizmente, há muito pouca arte no mundo, porque não há verdadeiros artistas. Existem arremedos de artista em todos os setores da arte. A poesia perdeu sua fragrância, a música se converteu em ruído, as obras de arte somente são compreendidas pelos próprios autores, porque só expressam seus defeitos e não a beatitude suprema da arte. Esotericamente, admirar uma obra de arte cria um vazio que penetra em nós ao contemplá-la, e não me refiro a nenhuma obra de arte em particular. Fica a critério de vocês saber quando é realmente uma obra de arte e não simplesmente uma expressão do artista.

É preciso passar da adoração ao artista para a adoração da arte. Se fizermos isto, talvez surja algum dia um artista verdadeiro neste século, que responda às exigências do 4º Raio, o Raio da Beleza e da Harmonia, a arte que não contém o conflito do artista, pois o artista quando está realmente inspirado deixa de ser ele mesmo como artista, para converter-se no próprio Deus que, através da técnica do artista, está criando uma obra de arte.

Interlocutor.— Como deveríamos encarar o trabalho técnico prévio, isto é, como deveria ser essa busca?

Vicente.— A técnica é necessária para produzir uma obra de arte, mas a técnica sem inspiração jamais criará uma obra de arte. A técnica será uma simples extensão do artista, não uma obra de arte, percebem?

A técnica é horizontal, e a inspiração vertical, é uma figura geométrica muito definida. O raciocínio intelectual abarca sempre a técnica do artista, posto que falamos de artista. Mas, nem todos os artistas que têm uma grande técnica possuem uma inspiração espiritual que permita aproveitar o recurso da técnica para produzir algo superior. Uns são muito técnicos e outros são muito espirituais, muito inspirados; a técnica por si só nos dará somente fragmentos da verdade; a inspiração sem a técnica nos dará uma imagem muito vazia da realidade que representa. Deve existir um equilíbrio entre a inspiração e a técnica; devemos adquirir uma técnica perfeita e depois criar espaços em nós mesmos. Ao utilizar a técnica, não deixemos que ela seja superior a nós como artistas, mas que exista em nós a inspiração suficiente para aproveitarmos corretamente a experiência proporcionada pela técnica.

Interlocutor.—Gostaria de saber algo sobre sugestão e hipnose, que são formas de magia. Como podemos nos proteger da hipnose?

Vicente — Como poderíamos nos livrar dos condicionamentos ambientais, do influxo da magia organizada no mundo por forças obscuras que somente estão vivendo do alento da matéria? Como evitar os efeitos perniciosos das formas-pensamento que constituem as paixões e as doenças? Como evitar os efeitos da magia negra? Aplicando a Magia Branca! Não podemos fugir dos efeitos perniciosos daquilo que estamos criando no ambiente, ou do que foi criado no passado e que estamos ainda robustecendo para converter nossa vida em um aspecto de penetração tal que nos liberemos dos impedimentos. Porque o ambiente tem importância para nós, e porque ele nos influencia, nos hipnotiza até o ponto de não pensarmos por nós mesmos? Porque existe em nós uma tendência natural para deixar as coisas como estão, pois sempre adotamos como linha da ação a linha de menor resistência. Quando uma coisa é radicalmente positiva e nos atrai com sua influência, porque não a seguimos? Porque as coisas boas custam para ser conseguidas, as coisas positivas constituem sempre um duro enfrentamento da realidade, um eterno desafio a tudo que surge ao nosso redor. Mas, como exige um esforço, nós pensamos: as circunstâncias, os fatos, tudo virá por seus próprios frutos. Isto é a negação do poder criador do homem. A criação sempre implica um esforço de princípio, como a atenção a que me refiro. A atenção exige de nós um esforço de princípio, mas não o adotem como uma disciplina, como ocorre com a meditação, ou com a ioga. Aceitem a atenção como um dever social, e se darão conta de que assim tudo se soluciona. Sem perceber, vocês estão se livrando do influxo do ambiente circundante, desta hipnose coletiva, para adotar uma atitude impessoal e criativa, estarão vencendo a batalha contra o tempo. Para vocês, o espaço terá mais importância que o próprio tempo e, à medida que utilizarem a correta atenção, a mente, que é um efeito do tempo, irá se convertendo em espaço. Então, quando a mente tiver mais espaço do que tempo, vocês começarão a ser criativos, o que indicará que deixarão de ser joguetes da influência ambiental, deixarão de estar hipnotizados, deixarão de pertencer ao inconsciente coletivo, tornando-se criadores. Não julgarão os acontecimentos em si mesmos, serão a alma dos próprios acontecimentos. Quando a pessoa é senhora de seus atos, quando começa a sentir a influência da realidade em si, então o ambiente nada mais pode contra ela, vive acima do ambiente, da mesma maneira que pensa acima da mente, porque pensa com o próprio Espírito da Divindade e utiliza sua mente como um instrumento de sua atividade aqui na Terra, no centro da Humanidade.

Interlocutor.— Qual é a sua opinião sobre a doação de órgãos?

Vicente.— Esta é uma pergunta muito difícil de responder, porque todos temos uma ideia acerca da doação de órgãos. Só posso dizer que não tenho noção, no âmbito do ashram, de que algum Discípulo ou Iniciado tenha doado seus órgãos. Quando Deus lhe dá um organismo, o faz segundo a medida do Ego. Não posso me meter na caridade das pessoas, sempre falo de um ponto de vista muito esotérico, o qual nem sempre é ou responde às necessidades ou às crenças de quem possa me escutar. Se a doação serve para certas necessidades, de acordo com o juízo da pessoa, ela tem liberdade de ação para doar, mas não sabemos o que acontece quando nos apresentarmos à Divindade e não tenhamos tudo o que Ele nos deu. Deus dá a cada um o que lhe cabe. Uma coisa é a caridade pessoal, outra coisa são as leis do espírito. Deus nos dá um corpo de acordo com a nossa própria medida. Através da doação de órgãos, muitas iniquidades foram, e ainda são cometidas. Ademais, cada órgão tem uma vida particular que é uma emanção do Ego que utilizou aquele veículo. Quando se trata de um órgão de menor importância, podemos dizer que talvez não se quebrará demasiado o ritmo da ação do criador daquele corpo. Mas, o que acontecerá quando se está manipulando um coração, que é o assento da vida espiritual? O coração, o cérebro, ou qualquer víscera do corpo segue uma certa ordenação causal que talvez não seja a ordenação causal da entidade que receba aqueles órgãos, e isto é muito difícil de compreender para as pessoas de natureza caritativa ou que amam a humanidade e queiram fazer doação de seus órgãos. Damos algo como caridade, mas sempre buscando um prêmio espiritual. Falo de um ponto de vista esotérico, o que pode chocar com as ideias que vocês podem ter acerca deste assunto, e eu naturalmente, aconselho sempre que adotem seu próprio critério e aceitem minhas palavras meramente como uma hipótese de trabalho mental, pois serão vocês que terão de utilizar, ao seu modo, segundo suas ideias, sua própria crença ou convicção, tudo o que estou dizendo. Estou fazendo afirmações, mas não posso exigir que aceitem minhas palavras como exatas. O próprio Mestre nos aconselha a somente admitir Suas palavras se todo o nosso ser as aceitar, não pela autoridade do Mestre, mas porque realmente compreendemos aquilo que Ele nos mostrou, seja qual for o campo ou nível do conhecimento. A doação de órgãos exige sumo cuidado esotérico.

O Ego, que é a manifestação de Deus em nós, nos dotou de uma mente com a qual pensamos, de um coração muito amoroso com o qual teremos que estabelecer contato com os demais, um corpo emocional mais ou menos sensível, e um corpo físico que é o receptáculo de todas estas forças, e, portanto, é algo complexo, feito sob medida. Será que um cego poderá passar a ver? Carmicamente falando, não sabemos o que isto provocaria. Portanto, cada um aja de acordo com o seu próprio entendimento e compreensão do assunto.

Interlocutor.— Poderia falar da verdadeira compaixão?

Vicente — Só podemos sentir compaixão quando realmente amamos. A compaixão é a arte suprema da criação. A adoção de uma série de condicionamentos ambientais quando nascemos já é uma compaixão infinita para o grupo de elementos atômicos, celulares e dévicos que constituirão os nossos corpos.

Pode-se dizer que a necessidade do Ego de encarnar tem muito a ver com a sua compaixão pelo conjunto ambiental que ele mesmo invocou, e que será o aglutinante das vidas que precisam de redenção. Um grupo atômico do nosso corpo está sujeito à redenção do Ego. Surgimos por um impulso de compaixão do próprio Deus, somos células vivas dentro d'Ele, e evoluímos em virtude de Sua compaixão. Ele não só tem a necessidade de encarnar para sua própria evolução, mas sabe que sua encarnação (em um universo ou em um planeta) traz como consequência a liberação de um número considerável de elementos atômicos e celulares, que somos nós em grupo, e todo composto que constitui o organismo inteiro. A compaixão é algo ainda desconhecido na Terra. Teremos compaixão diante de uma tremenda necessidade, mas sentimos muito pouco, sentimos uma atração emocional por certas pessoas e certos fatos, sentimos compaixão por quem está próximo, mas não por quem se encontra afastado. A compaixão por aqueles que lutaram nas Malvinas é a mesma pelos que caíram no Vietnam? Temos amor pelos filhos do vizinho igual ao que sentimos pelos nossos próprios filhos? Há uma grande diferença, não é mesmo? São fragmentos de compaixão, não é a compaixão.

Evidentemente, existe compaixão real no caso dos Avatares, dos Instrutores, daqueles que nos trazem a luz do Cosmo com sacrifício de suas próprias vidas. Há uma compaixão imortal para os filhos dos homens e deveria existir esta mesma compaixão dos homens para os demais reinos, começando pelo reino animal e o reino vegetal, mas sem esquecer o reino mineral, ao qual não damos importância. Percebem a profundidade da compreensão do termo compaixão? Quando sentimos realmente compaixão, se é que a sentimos alguma vez? Temos sentido aproximação e desejo de servir, mas no fundo não existe também uma tremenda necessidade de crescer através de nossos atos que chamamos de compaixão? A palavra tolerância, a palavra perdão, não têm no fundo algo de negativo? Acaso não somos tolerantes para que sejamos tolerados? Acaso o conhecimento dos fatos nos permite ter um ascendente tal no mundo espiritual, para pedir compaixão para todos e não apenas para uma pequena parte? Acaso não amamos mais a uma pequena parcela do que a todos? Temos que meditar sobre a compaixão, porque ela é o fato supremo da Vida.

Interlocutor.— Que pode nos dizer sobre as transfusões de sangue?

Vicente.— O sangue é o veículo do Ego. Como os egos constituem uma unidade, o sangue é universal. Não há problema nas transfusões, se forem feitas em grupos sanguíneos definidos. Quando Cristo verte seu sangue no Santo Graal é para toda a humanidade, é uma transfusão que vem do alto. Por que negar a transfusão do sangue de Cristo em nosso coração ou no coração dos demais? O sangue vertido no Santo Graal é a luz da redenção, é o único elemento sobre o qual não há nenhum condicionamento esotérico, já que o sangue é etérico e, portanto, é um elemento que faz parte do ambiente etérico que circunda a nossa Terra. Ademais, sendo o sangue o veículo do Ego, se o afirmamos em sentido esotérico, diremos: o éter é o sangue dos deuses. O sangue é o veículo de expansão da Vida do Mestre através do éter; o éter é universal; então, o sangue é universal, porque é o veículo da liberação, é o veículo da vida, é o único que não contém contraindicações de caráter esotérico, sempre e quando exista uma afinidade sanguínea entre o doador e o que recebe a oferenda.

Interlocutor.— Gostaria que falasse sobre a segunda vinda do Cristo. Isso é algo que deve ser entendido como o amadurecimento da consciência da humanidade, ou Cristo vai reencarnar fisicamente, ou permanecerá em um plano sutil?

Vicente.— Por que nos preocupamos tanto com a vinda do Cristo ou do Instrutor? Porque Ele ainda não nasceu no nosso coração e, seguramente, Cristo não pode vir antes disso. Cristo não é só uma entidade conhecida e reverenciada por muitos, assim como Buda e outros Avatares. É fundamental que compreendamos a lei de Cristo, que é a Unidade. Estar unidos n'Ele constitui a segurança de que Ele está aqui e agora. Que esperamos? Que venha uma criança prodigiosa, ou uma pessoa que fale pelo rádio ou pela televisão, com uma figura magnífica como corresponde a um Avatar? Não seria melhor esperar que nossa evolução nos torne um artista verdadeiro, um verdadeiro cálice para conter o Verbo de Cristo? Se o cálice estiver transbordante do sangue da Vida de Cristo, não teremos tanta esperança no futuro, porque a esperança e a fé estarão no presente, estaremos revelando Cristo aqui e agora. Não será um fato histórico no tempo, mas no fato de viver serenamente expectantes no tempo, estaremos vivendo a consciência Crística, não como uma entidade histórica, mas como um fato real. Que disse Ele ao nos deixar (aparentemente) há 2.000 anos? “Eu estarei convosco até a consumação dos séculos”. Não disse que estaria conosco fisicamente, mas que estaria conosco. A garantia não está no fato histórico, mas no fato místico, na afirmação de que Ele está em nós, e que em nós é que temos que revelá-lo. Cristo virá para a grande massa, e nós devemos preparar o Caminho em nossos corações para que Ele possa dar sua mensagem, seja qual for o corpo que tenha escolhido, seja qual for o estado de consciência mediante o qual deveremos reconhecê-Lo. E para isso, teremos que estar muito atentos, teremos que manter acesa a chama, não agindo como as virgens que cochilaram, deixando que se apagasse a chama das lamparinas com que o estavam esperando. Se mantivermos acesa a Fé e a Esperança da chama no ideal Crístico, Cristo virá, não importa como, quando, nem onde, isto não tem muita importância, é simplesmente um fato histórico. Mas, se Cristo vive em nossos corações, jamais o perderemos. Se vem apenas como fato histórico, talvez o percamos, porque o homem costuma esquecer as coisas grandes.

Interlocutor.— Por favor, esclareça o sentido de suas palavras: perdão e arrependimento, que usou na última conferência, e que, para mim, não ficou muito claro.

Vicente.— Bem, vamos esclarecê-lo esotericamente. Disse, ao me referir ao arrependimento e perdão, que isso não invalidava de maneira alguma o sentido do carma. Uma pessoa fere a outra e, como tem um coração sensível, se arrepende e pede perdão. Quem sofreu a ofensa perdoa, mas, o que acontece no espaço, no éter? A ofensa está ali gravada, em virtude de que somos parte de uma memória cósmica. Ao receber o perdão, ficamos tranquilos aparentemente, mas a memória da ofensa fica permanentemente no coração até que, quando sentirmos realmente a vida espiritual, possamos desvanecê-lo, convertendo aquela experiência em algo que já não afeta a nossa condição humana. Como não nos afeta a memória do passado? Ela existe sempre, pois constitui a nossa linha de ação.

Então, se esperarmos nos redimir através do arrependimento, erraremos; se acreditarmos que o fato de termos sido perdoados nos libera do carma da ofensa, erraremos. Tudo o que fazemos, tudo o que dizemos, tudo o que pensamos permanece gravado para sempre na aura etérica da Terra. Teremos que recuperar a memória de todas as ofensas que tivermos infligido à humanidade através do tempo. Somente quando obtivermos a liberação, quando nos tornarmos Mestres de Sabedoria e Compaixão, alcançaremos um estado de consciência além do perdão dos pecados e do arrependimento dos mesmos, serão palavras vãs então. Mas agora rege a lei do carma, que é esta impressionante rede geométrica que nos envolve em virtude de tudo o que pensamos, dizemos e fazemos; está aí constantemente, é nosso equipamento, é um fardo que carregamos, e que nos impede de ascender pela montanha espiritual. De qualquer maneira, como qualidades são realmente apreciáveis. Mas me refiro ao fato de que nem o perdão nem o arrependimento nos liberarão. Só nos liberaremos quando estivermos tão atentos ao valor do contato humano que, através dele tenhamos enobrecido absolutamente a nossa consciência.

Interlocutor.— No cumprimento da nossa parte no Plano Divino, justifica-se o uso da violência, seja de forma direta ou indireta, apoiando o seu emprego?

Vicente.— É como se tentássemos apagar fogo com gasolina. A violência sempre gera violência. Existe um estado de aprovação ou de reprovação de fatos. Quando temos um espírito evoluído até certo ponto, emitimos reprovação para os fatos que consideramos maus e aprovamos aqueles fatos que nos parecem bons. Mas, do ponto de vista do Criador, do Mestre, em que existe profundidade de Amor, não pode existir uma reação tão formidável como a que criamos, uma reação contrária a este espírito de abnegação, de compaixão e de amor que desejamos adquirir. Eu recomendo que suspendam o julgamento até que estejam maduros espiritualmente para saber quando devem atuar.

Durante a guerra mundial, que se iniciou no ano 1914 e, aparentemente, terminou em 1945, muitos discípulos tomaram parte, e o Mestre declarou que estava correto, pois havia, nos distintos Ashrams da Hierarquia, contendentes de todos os grupos: alemães, russos, americanos, franceses, ingleses, havia representantes de todas as partes do Mundo, e todos decidiram apoiar a linha imposta pela própria pátria; todos lutaram contra o que se chamou O Eixo. A Hierarquia, entretanto, se manteve em equilíbrio, esperando que fosse a decisão humana que conferisse aos fatos o direito de intervir. A Hierarquia não costuma interferir nas disputas dos homens, porque em toda disputa existe sempre um fundo de egoísmo. Todos nós participamos integralmente da guerra, pois as dimensões alcançadas por ela foi resultado dos nossos próprios equívocos, do nosso sentido pessoal de vida, das nossas ambições, da nossa soberba, de todos os nossos defeitos, de todas as nossas lutas e inquietudes, tudo isso foi traduzido nesta guerra fratricida. A Hierarquia não toma parte, observa. Somente observa, ou age de maneira direta nos fatos quando estes representam perigo de assumirem características ou dimensões planetárias que possam afetar o ambiente planetário dos deuses, como aconteceu no caso da Atlântida.

Quando um número suficiente de entidades atlantes adquiriram tanto poder que se converteram em perigo para a própria evolução do mundo, o Logos Planetário decidiu destruir a Atlântida empregando o fogo cósmico contido em seu grande talismã, o Diamante Flamígero, que Ele ostenta sempre como símbolo do Seu poder. E agora a Atlântida jaz submersa sob o Oceano Atlântico, guardando muitos segredos que algum dia serão revelados. Quando os cientistas alemães chegaram a um ponto em que quase adquiram a equação final que deveria produzir a bomba atômica, o Senhor Planetário decidiu intervir em benefício não só da humanidade terrestre, mas da humanidade de todo o Sistema. Então, foi queimado o aspecto etérico conectado com o cérebro dos cientistas alemães, causando tal confusão mental, que não puderam mais alcançar a equação. Como sabem, isso foi conseguido pelos americanos, e a bomba foi lançada sobre Hiroshima e Nagasaki. A Hierarquia nunca aprovou a decisão de Truman, mas os fatos estão aí. Falo somente de certas exceções na constante geral. A norma da Hierarquia é não intervir nos assuntos dos homens, por considerá-los parte de sua própria vontade e não querer alterá-la. Então, tudo o que Ela faz é observar serenamente expectante o curso dos acontecimentos.

Interlocutor.— Qual é a diferença ou a relação entre a Hierarquia e os Senhores do Carma?

Vicente — Os Senhores do Carma são o braço executor da lei, não somente em relação à Humanidade, mas também sobre todo o Universo. Os Lipikas, Senhores do Carma da Grande Loja de Sirius, são os promotores do carma no Sistema Solar. Na Terra temos os Quatro Senhores do Carma, que fazem parte do Santuário Sagrado do próprio Logos Planetário. Um d'Eles é o Senhor da Morte, o braço executor da lei do Logos Planetário com respeito à vida da Natureza. Outro é o Senhor dos Registros Akáshicos, o qual constitui a memória cósmica. Os dois outros constituem o aspecto da Liberação, a qual faz parte do carma. Eles aplicam a Lei Universal de Deus, a hegemonia de Deus na Terra.

O carma é uma lei que decorre da própria Vida da Divindade. No homem está simbolizado no chacra "Muladhâra" que tem quatro pétalas, cada uma correspondendo a um dos Senhores do Carma; assim vai ascendendo na vida, crescendo em pétalas através do tempo, criando a liberação do carma. O Reino Animal tem apenas três pétalas, só pode ter três Senhores do Carma. O mundo vegetal tem duas pétalas, então só podem intervir diretamente dois Senhores do Carma; e no Reino Mineral somente atua uma pétala, logo só pode atuar um Senhor do Carma. Tudo isto vocês terão no livro sobre Shamballa, muito mais claro que aqui.

Interlocutor.— Em que momento da gestação o Ego toma seu veículo físico? O que significa esotericamente um aborto?

Vicente.— Todo o sentido da expressão é marcado por leis cíclicas. Desde o momento em que se estabeleceu a conjunção magnética entre dois seres no drama místico da concepção, começa um processo regulado misticamente pelo tempo, pelas eras. Logicamente, há 3 períodos que constituem a vida mental, 3 para o corpo astral, e 3 para a formação do corpo físico. Isto fica registrado nos 9 meses de gestação do ser humano no seio materno.

Quando se verifica um defeito de organização, pode ocorrer um aborto. O aborto provocado depois de decorrido certo prazo estabelecido, quando já há vida própria do Ego, quando existe uma atração, uma linha que vai do Ego ao cérebro físico, é um atentado contra a lei. Isto só se realiza no quarto mês, e não quero que com isto digam: como o Sr. Anglada disse isto, podemos abortar no primeiro, segundo ou terceiro mês. Sempre lhes falo de um sentido muito esotérico, falo do trabalho dos devas, que estão, desde o momento da concepção até o momento do parto, trabalhando ativamente criando o corpo. Então, se ocorrer um aborto natural, é porque havia uma causa natural. Quando for um aborto voluntário, deve-se ter em conta as vozes do anjo, o que nos levará à nossa redenção como seres humanos, tratando de fazer as coisas o melhor que pudermos, e amá-los muito intensamente para não causar danos à vida do ser...